

Especial

Velejador experiente, o colunista de política Luiz Carlos Azedo compartilha com os leitores da Revista a recente experiência de navegar de La Seyne-sur-Mer, em Toulon, sul da França, a Sines, em Portugal, a bordo de um Dufour 365

# Quem nos navega é o mar

Luiz Carlos Azedo/CB/D.A.Press

POR LUIZ CARLOS AZEDO

**A**creditem, nossa travessia do Mediterrâneo para o Atlântico Norte, pelo estreito de Gibraltar, começa no Lago Paranoá, em Brasília. Explico-me: conheci Eduardo Viana, diretor industrial de uma grande editora do Porto (Portugal) e feliz proprietário do Papago, um veleiro de 36 pés no qual navegamos de La Seyne-Sur-Mer, em Toulon, até Sines, no Alentejo, durante uma velejada frustrada no Lago Paranoá.

Éramos dois casais navegando a contravento, no Lago Sul, quando o mastro do barco caiu, ao caçar as velas para aproveitar uma rajada mais forte. Felizmente, ninguém se machucou. Depois desse episódio, emprestei meu velho Tahiti 16, o Vasco, um veleiro miúdo, para que Eduardo e sua namorada, Ana Cláudia Lustosa, pudessem curtir as delícias do Paranoá.

Talvez por isso, Eduardo tenha me convidado para ajudá-lo a levar o Papago, um Dufour 365, de Toulon, no Sul da França, para o Porto, no Norte de Portugal. Seu velho amigo e calejado velejador Pedro Silva, colega da faculdade de engenharia química e editor de livros científicos

numa editora concorrente à de Eduardo, era o segundo homem a bordo. Completei a tripulação.

Sou um velejador com alguma experiência. Além de ter participado de muitas regatas na represa Guarapiranga, da Semana de Vela de Ilha Bela, do circuito Vitória-Guarapari e, por três vezes, da Terra Brasília (Vitória-Ilha de Trindade), um percurso de 632 milhas náuticas para ir e outro tanto para voltar, também fiz pequenas travessias no Mediterrâneo, ao lado do meu falecido amigo Bruno Fernandes. Velejamos de Aegina a Samos, na Grécia; da Sicília a Sardenha, na Itália; e de Minorca a Maiorca, na Espanha, a bordo do seu Eromeni, um Bavária 45.

Ao ser convidado por Eduardo, não tive dúvidas: remanejei minhas férias, comprei minha passagem e embarquei. Vou fazer 70 anos, talvez nunca surgisse outra oportunidade de uma aventura como essa.

Sou habilitado a navegar em águas internacionais pelas Marinha do Brasil, como mestre amador, e já tinha experiência como velejador nas águas do Mediterrâneo.

Minha função a bordo seria ajudar nas manobras como proeiro e auxiliar na navegação, mas acabei

me destacando como cozinheiro. Encarar um fogão com competência, num barco em movimento, sem marear, é um importante atributo náutico.

## Sabores e dissabores

Entretanto, a travessia do Papago nem de longe se comparou a experiências anteriores. Foram duas semanas de confinamento num barco, sem tempo para conhecer as cidades pelo caminho, como gostaria. A Rota da Reconquista, por exemplo, é um grande roteiro turístico da Espanha, assim como as suas praias magníficas da costa e das Ilhas Baleares, das quais não conheço, Ibiza e Formenteira. O turismo de massa é uma realidade na Espanha, mas dá um pouco de tristeza ver dezenas de Copacabanas ao nos aproximarmos do continente.

Uma travessia como a que fizemos, correndo contra o tempo e navegando a maior parte do tempo contra um vento frontal, é uma jornada dura: alimentação à base de enlatados e pré-cozidos, noites mal dormidas em cabines claustrofóbicas, horas de monotonia motorando. O cockpit do Papago é um espaço exíguo, no qual nos revezamos nos afazeres da vigília, do leme e da regulagem das velas. Só quem é velejador